

Suplemento Cultural

O poeta Múcio Scévola Lopes Teixeira e a “Conspiração do silêncio”

RUBENIO MARCELO – poeta, escritor e secretário-geral da ASL

Um dos escritores mais produtivos da Literatura brasileira, Múcio Scévola Lopes Teixeira nasceu em Porto Alegre (RS), em 13/09/1857. Órfão de pai aos três anos de idade, foi, com sua mãe, residir na Corte Imperial (Rio de Janeiro), onde possuíam parentes. Entretanto, logo regressam.

“*Deus me fez poeta...*” – assim afirmava Múcio, aos 13 anos, quando começou a frequentar, na capital gaúcha, o *Parthenon Literário*, renomada entidade cultural do RS do século XIX. Aos 15 anos, publicou o seu 1º livro: “*Vozes Trêmulas*” (poesia), muito elogiado por intelectuais, que passaram a tratar o vate juvenil como “verdadeira revelação”.

Filho de militar, Múcio tentou também seguir este ofício, porém a essência poética lhe tocou mais forte e, assim, numa solenidade cívica, ele – quebrando o protocolo – declarou um poema autoral dedicado aos Inconfidentes (fato que lhe custou alguns dias de cela). Desgostoso, o jovem cadete abandonou de vez a sua curta carreira das armas.

Após isto, o poeta edita novos livros, como: “*Cartas Serranas*” e “*As Flores do Pampa*”. E, aos vinte anos, já aclamado (pelo seu talento) e cantando versos assim: “*Os vinte anos vêm soltar as asas / das águias grandes dos almejos meus...*”, Múcio Scévola segue para o Rio de Janeiro, onde passa a interagir com personalidades como Silvio Romero, Aluizio Azevedo e Taunay. Neste tempo, lança as obras “*Sombras e Clarões*” e “*Fausto e Margarida*”.

No ano de 1880, publica “*Cérebro e Coração*” (que contém o famoso po-

(FOTO: DE LIVRO AUTORAL DA PROFA. GLORINHA)



MÚCIO TEIXEIRA JÚNIOR – filho do poeta Múcio Scévola L. Teixeira, aqui chegou em 1913 e tornou-se expoente da Educação local

ema “*Amar*”, dedicado à noiva Maria Henriqueta Peixoto, com quem se casa em 27/05/1880) e “*Novos Ideais*” (poesias). Em 1882, dentre outros livros, lança “*Prisma e Vibrações*” (elogiado inclusive em Portugal). Nesta época, Múcio já era considerado “o maior poeta de sua geração”. E aqui, pode ter começado a “conspiração do silêncio” (movimento de ‘bastidores’ de adversários, que em breve geraria resultado, ofuscando no jovem poeta o seu sucesso).

Em 1884, os escolhidos para enviar obras (dos consagrados poetas) para serem divulgadas no *Diário Mercantil* de SP (um dos principais espaços literários) omitem inexplicavelmente o nome de Múcio Scévola. Eram ‘forças ocultas’ abafando o prestígio do grande vate, que – após sua morte – seria assim definido pelo poeta Generino dos Santos: “por si só, valia todo o par-

naso brasileiro, que, em vida, lhe moveu guerra de silêncio”.

Amigo de Dom Pedro II e com dificuldades financeiras, em 1885, Múcio vai residir como “hóspede do Imperador”. Na época, publica “*Hugonianas*” (poemas traduzidos de Victor Hugo). Fica na Corte até 1888, quando lança “*Poesias e Poemas*”, obra recebida friamente pela silente crítica. Neste ano, nomeado Cônsul, vai para a Venezuela, onde lança livros em castelhano. Após a Proclamação da República, retorna ao Brasil e publica novas obras.

Já em 1896, Múcio Scévola Lopes Teixeira seguiu para a Bahia, onde escreve “*Vida e Obras de Castro Alves*”. Em 1899, volta ao Rio com a esposa e seis filhos: Álvaro, Ada, Maria José, Júlio, Ana Emília e Múcio Teixeira Júnior (foto) – este que, em 1913, veio morar em Campo Grande, onde se tornou uma das figuras mais importantes da Educação, tendo sido o proprietário do tradicional Ateneu Rui Barbosa, colégio conhecido, à época, pela competência dos seus professores e alunos.

Em 1901, o poeta Múcio Scévola criticou severamente, na imprensa, Machado de Assis. Consta que, depois disto, ele novamente assistiria ao silêncio conspirando duramente contra si, vez que – ao ser organizada uma relação de poetas da época – nenhuma referência foi feita ao seu nome.

Nos últimos anos da vida, enveredou pelos mistérios da astrologia e adotou o pseudônimo “*Barão Ergonte*”. Assim, publica “*Almanaque do Barão*” (1912), “*Terra Incógnita*” (1916), “*Tratado de ciências ocultas*” (1921), “*Os Gaúchos*” (1921) e “*Alta Magia*” (1924). Faleceu em 08/08/1926 no RJ, deixando cerca

“

O poeta Múcio Scévola Lopes Teixeira nasceu gênio e precocemente foi ícone das letras da sua geração – não merecia (nem merece) o esquecimento. É o patrono da Cadeira nº 35 da ASL”

de oitenta obras publicadas.

Emotivo, de personalidade forte e irreverente, às vezes irascível (como ele próprio se definiu: “*não sabia reprimir os seus ímpetos de cólera*”), Múcio, além de exímio poeta escritor, foi também orador brilhante. Do barroco Gregório de Matos ao realista Machado de Assis, foi Múcio Scévola o escritor brasileiro que mais produziu, tanto em prosa, quanto em verso. Nasceu gênio – e precocemente foi ícone das letras da sua geração – não merecia (nem merece) o esquecimento. É o patrono da Cadeira nº 35 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, a qual tenho a honra de ocupar.

Lembranças

CHIQUINHO PALHANO

No ano da graça de 1940, Campo Grande tinha, exatamente, vinte e seis mil habitantes, e quem duvidar não custa consultar os nossos arquivos: éramos, então, pouco mais do que uma vila perdida nestes confins do centro-oeste. Se bem que, naquele tempo, nem éramos conhecidos como centro-oeste, mas era o fim do mundo mesmo, mas pelo menos nos daria uma certa dignidade. Porém, uma coisa, um não sei quê, nos dava uma força que nos impelia para frente, não se escutava de ninguém que pouco mais do que nada éramos, o nosso orgulho tolhia investidas negativas. Talvez a coragem dos que aqui aportaram, em busca de fortuna, contaminasse os outros viventes. De resto, esses outros formavam uma plêiade de valentes que, como suas aroeiras, tinham no espírito um cerne consistente, infenso ao desânimo. Nunca se escutavam, de quem quer que fosse, palavras desanimadoras e vou dar-lhe um exemplo.

Por volta dos anos trinta, um jovem médico, formado na melhor faculdade do país, saído da Vacaria e alcançando o Rio de Janeiro em lombo de cavalo, depois de formado, resolveu fazer uma extensão universitária a fim de melhorar seus conhecimentos no mais avançado país da época, a Alemanha. O atrevido jovem chamava-se Vespasiano Martins. E você sabe o que fez depois do grande salto? Estabeleceu-se no Rio ou em São Paulo, certo? Errado. Veio para sua terra, Campo Grande, exercer não apenas a profissão que escolhera, mas também emprestar seu talento político em prol da amada terra. Fico por aqui que Vespasiano é tão grande que não cabe numa simples crônica. Outros vieram de muito longe, do

outro lado do mundo, uns do Japão, trazendo na bagagem apenas suas ferramentas de lida na terra e a quem devemos a fartura que imprimiram no lugar. Os de procedência árabe dedicavam-se ao comércio, não fossem eles descendentes de fenícios, que com suas canoas saíam oceano afora descobrindo novas terras. Talvez o desconforto tenha sido o fato gerador de progresso, pois excitava os seus habitantes a fazer do pouco, muito. Aos domingos, havia matiné no Alhambra e eu me vejo na minha juventude vestido de terno e gravata, que ninguém aqui é cafajeste para andar sem gravata, dirigir-me ao cinema, onde, na entrada encontrava a Glorinha, acompanhada da irmã Ivonete, por quem tinha uma paixão nunca correspondida, e logo depois a outra Glorinha, tão bonita como suas irmãs, todas Sampaio e de belas lembranças. Ali, na sala de esperança, a gente ficava de olho comprido nas meninas, procurando o que hoje se chama paquera, até o começo da famosa sessão de cinema. Víamos então, Clark Gable, Gary Cooper, Thereza Write, Carole Lombard desfilando em filmes inquecíveis, ao cabo dos quais, saíamos de volta a casa, não sem antes tentarmos qualquer aproximação com nossas estrelas crioulas.

Depois do cinema, um sorvete no Bar Bom Jardim, bem ali na Rua 14, que seu Eugênio Perón, com sua incansável simpatia, servia-nos com nobre gentileza. Depois, ia cada um para sua casa, aguardar a noite para iniciar logo mais uma outra semana. Quer melhor que isso?

Era assim, meus queridos, a nossa Campo Grande, que hoje com o conforto que a vida nos dá, é a metrópole que vemos. Mas é bom não esquecer, jamais, que devemos tudo isso a eles, nossos antecedentes, que nos legaram, talvez com sacrifício, o que hoje desfrutamos. Eu gosto de lembrar daqueles tempos, mas gosto, sobretudo, de lembrar de agradecê-los, a todos.

POETAS NEGROS EM NOSSA LITERATURA

ARASSUNAY GOMES DE CASTRO

O SIMBOLISMO – Cansados do Realismo e do Naturalismo, rebeldes a qualquer visão científica do mundo, anticonformistas e antiacadêmicos, os escritores desse movimento literário visavam privilegiar o universo obscuro do inconsciente, traduzir o inefável e o indizível, substituindo a estética parnasiana por uma poética nova e identificada com a música. No ano de 1886, o escritor francês Moréas lançou, em Paris, um manifesto a essa tendência literária, sobre a denominação de “*Simbolismo*” e que vigorou no período de 1893 a 1902, conforme esclarece o notável professor Nelson Werneck Sodré em sua “*História da Literatura Brasileira*”.

Esta escola caracterizava-se pela busca incessante de palavras que tivessem grande poder de sugestão, que pudessem transmitir a musicalidade de seus versos, valorizando o ritmo e as sensações do indefinível. O simbolista não pretende descrever a realidade, apenas sugerir-lá; compara a poesia com a música; faz alusões a elementos evocadores de rituais litúrgicos como incenso, altar, cânticos, salmos e arcanjos, impregnando a poesia de misticismo e espiritualidade, além de dar ênfase a temas que abordem a morte, o destino e a existência de Deus.

O marco inicial do Simbolismo no Brasil foi a publicação de dois livros do poeta negro Cruz e Sousa no ano de 1893: “*Missal*” (prosa poética) e “*Broquéis*” (poesias).

Considerado como um movimento renovador dentro da poesia brasi-

leira, o Simbolismo tinha tudo para suplantiar outras escolas literárias, sobre o Parnasianismo, mas não logrou êxito em virtude de ser está última caracterizada como o estilo das camadas dirigentes do país, da burocracia culta, das profissões liberais habituadas a conceber poesia como linguagem ornada, segundo padrões já consagrados. Assim, a linguagem parnasiana era tida como uma espécie de linguagem literária oficial, mantida pelo prestígio que lhe foi dado pela Academia Brasileira de Letras, conforme a opinião do crítico Alfredo Bosi, em sua “*História Concisa da Literatura Brasileira*”.

As maiores expressões desta Escola Literária no Brasil foram os poetas João da Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimarães e Augusto dos Anjos.

João da Cruz e Sousa – 1861 – 1898 – Poeta simbolista brasileiro, de descendência africana. Foi o chefe do movimento literário simbolista em nosso país. Analisando a vida desse poeta negro, Ronald de Carvalho registrou: “O mundo girava em torno de sua cor e, de tal maneira lhe pesava sobre a sua alma insatisfeita e sofredora, que ele não soube traduzi-lo senão com imprecações desesperadas e alucinantes. Não há quase um verso seu em que não haja um grito contra a opressão do ambiente que o cercava”. A sua obra prima foi “*Broquéis*”, livro de versos publicados em 1893. “*Missal*”, outro livro de versos, veio à luz no mesmo ano de 1893. Obras póstumas: “*Evocações*”, “*Faróis*” e “*Últimos Sonetos*”.

Cruz e Sousa é considerado o melhor poeta da Escola Simbolista e um dos mais destacados de nossa literatura. A sua linguagem era exuberante e riquíssima, onde utilizava conscientemente da sonoridade das palavras para obter efeitos fônicos e poéticos de grande musicalidade. Foi apelidado de “*Dante Negro*” de nossa poesia.

POESIAS

DOIS UM SÓ

Benditos sejam dois olhares fitos
Numa só estrelinha nas alturas...
Sejam também eternos e benditos
Os sóis do amor a unificar criaturas!

Benditos os rios calmos e bonitos
Buscando de um só mar as aventuras...
Benditos os mistérios infinitos
Que unem vivos na vida e em sepulturas!

Da Trindade Santíssima se espalma
A mais bendita e milagrosa união...
Bendito Deus que a vida nos empalma,

Nos unindo com tal sublimação,
Que nossos corpos têm uma só alma
E vivemos com só um coração!

GERALDO RAMON PEREIRA

COR DO DIA

Segue a cor do dia
no som que vibra
no samba da vida
no ritmo da lida
que sacode o pó.

Esse suor e sumo
que nos dá o rumo
que, de amargo e doce,
foi Deus quem trouxe
e não nos deixa só.

Brinca!...Mas trabalha.
Não foge à batalha,
o mundo retumba,
a esperança zumbe
e desaperta o nó.

São respostas do mundo
regurgitando tudo...
Tsunami vem mudo,
em iras de amargo fel,
feito peso de Babel,
despertando dó.

O alarde que ressoa
cisma todo o Sistema.
Continents ecoam
abruptas ondas.
O globo emudece,
refletindo em prece
súplicas tão só.

Segue a cor do dia
na simplicidade
sem a nua maldade
que o eixo não se verga,
mas verga o homem,
a exemplo de Jól!

ELIZABETH FONSECA

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

“**CHÁ ACADÊMICO DA ASL ENFOCA “O IMPÉRIO DA TEORIA QUADRIALISTA NO MUNDO MODERNO”** – A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, em parceria com a ACP, apresentará na quinta-feira (28/05), às 19h (na sede da ACP – Rua 7 de Setembro, subesquina com Rui Barbosa), o seu tradicional *Chá Acadêmico*. Na ocasião, haverá uma concisa palestra ministrada pelo escritor e advogado Dr. Aldo Mário de Freitas Lopes, que discorrerá sobre o relevante tema: “*O império da Teoria Quadrialista no Mundo Moderno*”. A Teoria Quadrialista, muito discutida na filosofia italiana, é atualmente a que impera no cotidiano mundial. O palestrante convidado é ex-juiz, articulista, e tem cerca de vinte livros publicados (jurídicos e literários). O “*Chá Acadêmico da ASL*” acontece na última quinta-feira de cada mês, sempre apresentando uma concisa palestra de interesse da sociedade.